



**MISTÉRIO**  
*entre linhas e letras*

# Carpe Diem

## O crime bate à porta

5ª edição

**Samir Thomaz**

**ILUSTRAÇÕES**  
Rogério Borges

 **Atual**  
Editora





**MISTÉRIO**  
*entre linhas e letras*

# Carpe Diem

## O crime bate à porta

**Samir Thomaz**

**5ª edição**

**Conforme a nova ortografia**

**ILUSTRAÇÕES**

**Rogério Borges**

 **Atual**  
Editora

Copyright © Samir Thomaz, 2000.

**SARAIVA Educação S.A.**

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

www.editorasaraiva.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Thomaz, Samir

Carpe Diem : o crime bate à porta / Samir Thomaz ; ilustrações Rogério Borges. — 5ª ed. — São Paulo : Atual, 2009. — (Entre Linhas e Letras)

ISBN 978-85-357-0099-2

1. Literatura infantojuvenil I. Borges, Rogério, 1951-. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

11ª tiragem, 2017

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5

**Série Entre Linhas e Letras**

**Desenvolvimento de produto**

*Gerente editorial:* Wilson Roberto Gambeta

*Editor de texto:* Henrique Félix

*Assessora editorial:* Jacqueline F. de Barros

*Coordenadora de preparação de texto:* Maria Cecília F. Vannucchi

*Revisão de texto:* Pedro Cunha Jr. (coord.)/Célia Demarchi

**Produção editorial**

*Gerente de arte:* Edilson Felix Monteiro

*Coordenação de arte:* Mizue Jyo

*Edição de arte:* José Maria de Oliveira

*Diagramação:* Ricardo Yorio/Adriana M. Nery de Souza

*Produtor gráfico:* Rogério Strelciuc

**Colaboradores**

*Projeto gráfico:* Glair Alonso Arruda

*Preparação de texto:* Maria Luiza X. Souto

*Roteiro de leitura:* Veio Libri

*Impressão e acabamento:*

CL: 810356

CAE: 575993

# SUMÁRIO

Aproveita o dia!	5
Não atrase o fechamento das portas...	6
Secretíssima pauta	8
<i>Muchas gracias!</i>	10
Há algo de podre num prédio das Perdizes	12
Suspeitas e certezas	14
O que dizer, o que não dizer	18
A turma é da hora	20
Cuidado com a imprensa!	23
Cafezinhos, pães de queijo e planos ocultos	25
Olho aberto 24 horas por dia	28
E daí se a Capitu traiu o Bentinho?	31
Todas as garotas do planeta	34
Era uma vez um jovem escritor	37
Ledo Ivo engano	39
Pesquisando Dostoiévski	42
Dois jovens à procura de apartamento	46
Rosinha	49
Borba Gato	54
Adrenalina pura	58
Uma história mal contada	61
Jornal, que é bom, nada	64
Quem quiser um <i>rock</i> bom, vá pedir ao Raul Seixas	66
Como um passe de mágica	70
Estranho, muito estranho...	73
<i>Help, Mary!</i>	78
Originais das memórias?	80
Um homem de faro	83
Delírio de escritor	85

Eram as memórias	87
<i>Top secret</i>	89
Uma pedra no sapato	93
Eu desisto!	96
Dois jovens à procura de um quarto	100
Um ato de coragem	104
A última cena	110
Estava no <i>script</i>	114
Explicando o <i>muchas gracias</i>	118
<i>Carpe Diem</i>	120
O autor	123
Entrevista	125

*Todos os dias quando acordo  
Não tenho mais o tempo que passou  
Mas tenho muito tempo  
Temos todo o tempo do mundo*

*Todos os dias, antes de dormir  
Lembro e esqueço como foi o dia  
Sempre em frente  
Não temos tempo a perder*

(Tempo perdido, Renato Russo.)

A Maria, minha mãe, in memoriam.  
A Samuel, meu pai.  
À memória de Plínio Marcos.

---



## **APROVEITA O DIA!**

---

ANTES de iniciar esta história, cabe uma explicação sobre o significado de seu título.

*Carpe diem* é uma expressão latina criada pelo poeta Horácio e significa “Aproveita o dia presente”. Horácio, um escritor refinado e de grande sensibilidade, quis dizer com isso que a vida é breve e devemos gozá-la ao máximo. Alguns séculos mais tarde, os poetas árcades buscaram viver e escrever de acordo com alguns princípios latinos, entre os quais o nosso *carpe diem*.

Mais recentemente, a sábia frase do velho Horácio serviu de mote para o filme *Sociedade dos poetas mortos*. O filme fez muito sucesso entre os jovens do mundo todo, especialmente entre aqueles que têm com a literatura uma relação que vai além das quatro paredes da sala de aula.

Talvez por isso os jovens personagens desta história tenham dado o nome de *Carpe Diem* ao jornal literário que fundaram no colégio onde estudam.

## NÃO ATRASE O FECHAMENTO DAS PORTAS...

---

O METRÔ estava parado na Estação Bresser havia quinze minutos. Do lado direito da composição com destino à Barra Funda, o lado que dá para os trilhos da Central do Brasil, o sol das onze batia inclemente no rosto dos passageiros que estavam sentados.

Do lado esquerdo, que dá para a plataforma, a situação era um pouco mais confortável. Ali o sol não chegava, e, não fosse pelo atraso, os passageiros que se achavam desse lado não estariam olhando indignados para os fiscais de uniformes cinza que corriam de um lado para outro, comunicando-se por *walkie-talkies*.

O atraso conseguiu incomodar a todos, até a Eurico, o jovem de olhar sério que finalmente resolvera fazer uma pausa em sua leitura. Lia um romance de Bóris Mariano, justamente o escritor que iria entrevistar naquela tarde.

Na verdade não lia a história, apenas checava alguns dados biográficos do romancista no final do livro. Era a primeira vez que en-



trevistaria alguém com a fama e o prestígio de Bóris Mariano. Naturalmente sentia-se inseguro. Mas a turma do *Carpe Diem*, o jornal literário da escola onde estudava e no qual seria publicada a entrevista, confiava em seu taco de primeiro da classe em redação. Além disso, Eurico trazia de memória as palavras elogiosas de dona Gil, a professora de Português: “Você tem tudo para ser um grande jornalista, Eurico!”.

O eco daquelas palavras aquecia seu espírito, alimentava sua autoconfiança. Mas, à medida que o tempo passava, sentia que dali a instantes seria apenas ele e Bóris Mariano. A experiência de um mestre da literatura brasileira diante da timidez de um jovem candidato a escritor.

Depois de mais algumas mensagens repetidas pelos alto-falantes do metrô, a composição finalmente voltou a se movimentar. Eurico, porém, não reabriu o livro. Passou a observar pela ampla janela do vagão a vista que aquele trecho da linha Leste-Oeste proporcionava. Diante de seus olhos desfilaram os telhados envelhecidos do Brás, fábricas que floresciaam aqui e ali até próximo dos limites do Cambuci, o rio Tamanduateí em seu leito de morte e o antigo quartel do Exército, agora da Polícia Militar, bem ao lado do rio. Antes de entrar no túnel que dá acesso à Estação Sé, já tinha decidido usar na entrevista a mesma tática que costumava dar certo nas provas escolares, exceto nas de Matemática: relaxar.





## SECRETÍSSIMA PAUTA

---

**E**URICO desceu no terminal Barra Funda pouco antes do meio-dia. Estava adiantado em relação ao horário que marcara com Bóris Mariano: 14 horas. Em São Paulo não se podia dar sopa para o azar, era o que sua mãe sempre dizia.

Os raios de sol explodiam em cheio contra os automóveis, dando a impressão de que estavam em chamas. Uma brisa leve vinha dos lados do Memorial da América Latina. Eurico desvencilhou-se da multidão de passageiros e se encostou na amurada da estação. Queria traçar com calma o roteiro que faria para chegar ao apartamento de Bóris Mariano.

Como primeira e urgente providência, tomaria um lanche. Não enfrentaria a fera de estômago vazio. Depois pegaria a avenida Francisco Matarazzo até a Cardoso de Almeida, rua do bairro das Perdizes onde morava o escritor. Mas antes, lembrou, tinha um compromisso prazeroso: ligar para Marina.

Àquela hora a garota já devia estar impaciente por ele não ter ligado. Sabia que ela não gostava de esperar. Mas não pudera evitar o atraso. No fundo, achava que zangada ela ficava ainda mais bonita.

Eurico ficara de confirmar um encontro com Marina no Centro Cultural, logo depois da entrevista. Fariam uma pesquisa sobre Fernando Pessoa para o próximo número do *Carpe*. Marina era apaixonada pelo poeta dos heterônimos. O encontro, claro, estava confirmado. O telefonema era apenas um pretexto para ouvir a voz da garota. Ainda que ela estivesse zangada.

Mas o encontro com Marina encobria outro plano de Eurico. Um plano que ele vinha adiando havia pelo menos duas semanas: pedir a garota em namoro. Era uma investida perigosa, ele sabia. Já tinha sondado o terreno uma vez, e a coisa ficara no ar. Nem ele nem Marina se sentiram seguros para abrir o coração de uma vez e dizer o que sentiam. Daquele encontro na cantina do Carvalho Senne ficara apenas a lembrança de um diálogo confuso, que ele precisava retomar:

— Você não entendeu — dissera Eurico.

— O que eu não entendi?

— Você sabe.

Marina franziu a testa:

— O que eu sei?

— Você sabe.

A garota riu e resolveu virar o jogo:

— Nós precisamos conversar.

— Sobre o quê? — Eurico perguntou.

— Você sabe.

Na Cardoso de Almeida, parou numa banca para comprar pilhas. Encaixou-as no compartimento de seu microgravador e seguiu adiante. Seu estômago roncava feito Fórmula 1 no *pit stop*. Avistou na primeira esquina uma padaria com portas de vidro e um moço entregando papelzinho na entrada. Entrou e devorou um cheese-calabresa com refrigerante.

O que ele sabia? — essa dúvida não saía de sua mente. Mas não era hora de tentar desvendá-la. Precisava concentrar-se na entrevista.

Foi subindo a rua devagar. Ao se aproximar do apartamento de Bóris Mariano, dirigiu-se a um orelhão. Discou o número da casa de Marina. Uma, duas chamadas e logo uma voz suave disse “alô” do outro lado. Estava um pouco ansiosa, como ele previra. Mas não zangada.

— Pensei que não fosse ligar — ela disse.

“Imagina se não...”, pensou Eurico.

A conversa durou os exatos nove minutos que ainda restavam no cartão. A ligação caiu, interrompendo o diálogo. Nem deu tempo de se despedirem. Infelizmente, para Eurico, falaram apenas de assuntos da pauta daquele bimestre do *Carpe*. Nada que se referisse à pauta dos seus sentimentos para com ela. Secretíssima pauta, que só depois da entrevista deveria vir à tona novamente.

## ***MUCHAS GRACIAS!***

---

**E**RAM duas em ponto quando o jovem acionou o interfone do prédio de Bóris Mariano. Havia um silêncio na rua, quebrado de vez em quando pelo ronco de algum automóvel solitário.

O porteiro estava no pequeno jardim defronte o edifício, fixando na grama uma placa onde se lia “Aluga-se apartamento”. Não notou a presença de Eurico, nem ouviu o toque do interfone. Eurico apertou novamente o botão. O porteiro continuou agachado, sem notar a presença do jovem.

Foi somente depois de um terceiro toque mais demorado que o porteiro se virou e percebeu que havia alguém no portão. Mas permaneceu agachado ainda, até certificar-se de que a placa estava bem presa ao chão. Então veio atender o rapaz, andando com passos lentos na direção da pequena guarita. Era um homem de meia-idade, alto e forte. Tinha uma expressão infantil no olhar que contrastava com sua massa de músculos.

Eurico ouviu o som do fone sendo retirado do gancho e foi logo se adiantando:

— Bóris Mariano, apartamento sessenta e quatro.

A voz do porteiro demorou alguns segundos para responder e veio carregada de um sotaque que Eurico não discerniu bem:

— Quem vai falar com o doutor Bóris?

O jovem temperou a garganta antes de responder:

— Eurico, jornalista — mentiu.

— Um momento — disse o porteiro.

Só depois Eurico se deu conta de sua ousadia. Como podia ter-se passado por jornalista com 16 anos de idade? É verdade que Marina via nele ares de rapaz sério, de mentalidade adulta, aparentando mais idade do que realmente tinha. “Você pode se passar por alguém de 20”, costumava dizer a garota, derramando um charme feminino que encantava o rapaz.

Além disso, depois que passara a se barbear com o pré-histórico aparelho do pai, tinham aparecido em seu rosto alguns pelos escuros, cujo crescimento ele conferia toda manhã no espelhinho do banheiro.

Enquanto o porteiro anunciava sua presença ao romancista, Eurico passou os olhos rapidamente pelos prédios vizinhos ao de Bóris Mariano. Como seria o dia a dia das pessoas que moravam naqueles edifícios? Na certa, bem diferente do seu. Nada de casas com quintais, nem de terrenos baldios. Tudo ali parecia-lhe muito distante de sua rua, perdida num bairro da Zona Leste de São Paulo.

O porteiro demorava-se, e Eurico notou que pouca gente passava na rua naquele momento. Apenas alguns idosos de cabelos platinados, que aproveitavam a tarde para espairecer. Porém — Eurico notou —, ao contrário de seu pai, que passara a vida no comando de uma máquina para sustentar a família, estes eram idosos conservados, alguns com o andar ágil ainda. Tudo muito diferente do seu dia a dia.

Eurico ouviu o ruído do portão sendo destravado. Entrou. Ao passar pela guarita, fez uma leve mesura com a cabeça para o porteiro. Não houve retribuição. O homem nem sequer lhe dirigiu o olhar e logo se encaminhou para o jardim a fim de fixar outra placa que levava nas mãos. O rapaz achou que seu tipo de adolescente bem-comportado não devia impor respeito a um sujeito como aquele, acostumado ao trato com os doutores, executivos e madames que deviam morar no prédio.

Enquanto esperava o elevador, Eurico apurou-se diante de um espelho incrustado na parede. Olhou-se, buscando entender por que o porteiro o havia tratado com tanta indiferença.

Pensava nisso quando um homem surgiu vindo da escada. Era um homem de estatura baixa, de pele muito branca e com um par de pequenos e desbotados olhos azuis. O jovem, que era ótimo observador, percebeu que o homenzinho carregava uma pasta de elástico e um envelope-saco, e parecia apressado. Tanto que, ao passar por Eurico, deixou cair algumas folhas e disquetes que trazia na pasta. O jovem pensou em ajudá-lo e já ia abaixar-se para recolher os papéis e os disquetes, mas o homenzinho, numa atitude que surpreendeu o rapaz, empurrou-o dizendo “*Muchas gracias, muchas gracias*” e passou a recolher ele mesmo os disquetes e as folhas do chão.

Pelo postigo do elevador Eurico pôde ver ainda uma vez aquele homem, andando com pressa na direção da garagem e segurando com firmeza a pasta e o envelope-saco.

— Que homem mais esquisito! — estranhou o rapaz.